



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 136/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

DESCULPEM: MAIS UMA VEZ, O MEU VOTO

Domingo se encerra esta etapa da vida política do Brasil. O segundo turno é muito trabalhoso, estafante mesmo para quem está na campanha, normalmente muito mais tenso do que o primeiro, mas é muito positivo para a democracia, porque esclarece melhor as posições e significados das candidaturas e amadurece os votos do eleitorado.

Os candidatos, em princípio, não deveriam ser votados pela simpatia pessoal ou pelo carisma, embora o voto seja um gesto humano e o sentimento seja algo muito importante para a humanidade. Então, este sentimento, de empatia ou repulsa, pesa na escolha e não devemos lamentar tanto que assim seja. Como pesa também a avaliação das qualidades pessoais dos candidatos: é impossível votar num candidato que o eleitor julga estúpido, tartamudo, infantil, desonesto ou violento.

Entretanto, ponderada pelos sentimentos e pela avaliação do caráter pessoal de cada um, a escolha deve ser feita, principalmente, pelo significado de cada uma das candidaturas em termos de políticas de governo a serem implantadas no próximo período. E este significado fica bem mais claro no confronto do segundo turno.

Do governo FHC para o governo Lula ocorreu uma mudança substancial de política nacional. Substituiu-se uma política de hegemonia absoluta do mercado, de recuo marcante da presença ativa do Estado no processo econômico, por outra na qual esta presença do Estado voltou a ser forte, seja na promoção do desenvolvimento (o Desenvolvimentismo) como também na distribuição dos frutos do progresso econômico, na redistribuição direta da renda através de políticas públicas. Também a política externa do governo se diferenciou bastante, desviando-se claramente a prioridade tradicionalmente dada aos grandes centros capitalistas do mundo (que encaminhava o Brasil para a adesão à ALCA) para uma atenção principal dada à América do Sul, paralelamente a uma abertura bem maior para a África e para a Ásia mais pobre. E, ainda, tão ou mais importante do que esses aspectos, a política de governo aprofundou enormemente a qualidade da democracia brasileira, o que está sendo reconhecido internacionalmente, apesar da nossa mídia não noticiar. Realizaram-se quase dez grandes conferências nacionais a cada ano sobre os temas mais relevantes, precedidas de conferências estaduais e até municipais, concluindo por propostas em grande parte adotadas pelo governo nas suas políticas; instalaram-se dezenas de conselhos setoriais que se reúnem regularmente e até mesas especiais, que discutem permanentemente o andamento dessas políticas e propõem medidas de aperfeiçoamento que são encaminhadas ao governo. Enfim, avançou-se substancialmente na qualidade participativa da nossa democracia. Eu, pessoalmente, dou uma importância de enorme relevo a esse aspecto.

E é precisamente este confronto entre duas linhas políticas bem distintas que se repete agora, com mais nitidez, depois dos oito anos do governo Lula.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 136/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

O candidato Serra pretende negar esta dicotomia afirmando-se um desenvolvimentista que discordou do neoliberalismo e de FHC, e propondo até um aumento substancial dos programas redistributivistas do governo Lula, o Bolsa-Família, os reajustes do Salário Mínimo e o crescimento do Pronaf, de financiamento à agricultura familiar. Entretanto, ainda que se pudesse dar um certo crédito a esta feição de José Serra, em atenção ao seu passado esquerdista e ao afastamento de FHC da sua campanha, os fatos políticos objetivos desmentem essa argumentação: ele é o candidato do PSDB, o partido neoliberal, que seguiu a mutação dos social-democratas europeus e sustentou ferozmente o governo privatista de FHC; ele participou diretamente deste governo, foi ministro, logo não discordou tanto, e vai ter, se eleito, sua sustentação política no Congresso feita pelas bancadas neoliberais do PSDB e do PFL; ele não vai governar com o PT, o PSB, o PDT e o PC do B.

Assim é que o confronto é aquele mesmo, e a maioria do povo assim entende. Que a figura de Lula influencia é inegável. Mas a aprovação popular maciça não é só da figura mas principalmente da política de Lula, sendo, por isso mesmo, muito mais forte no nordeste e nas periferias urbanas, onde está a massa mais beneficiada. E é agora no segundo turno que ele aparece com mais clareza, radicalizando a disputa e aquecendo os ânimos.

Há os que pretendem se sobrepor à dicotomia, defendendo a alternância no poder como algo relevante e positivo por si mesmo, por pertencer à essência mesma da democracia. Sim, claro, a possibilidade da alternância é positiva e essencial; por isso se fazem eleições periodicamente; mas a alternância pela alternância não me parece essencial nem recomendável por si mesma, a menos que as políticas das candidaturas em disputa sejam iguais ou muito semelhantes, como acontece com frequência nos Estados Unidos. Aqui, e agora, não é o caso, já que a diferença é marcante, e a essência da democracia manda manifestar a preferência por uma ou por outra das alternativas. Ambas as preferências, claro, são igualmente legítimas, democráticas e respeitáveis.

Eu, velho socialista, velho adepto da democracia participativa (minha gestão na prefeitura), caminho que, a meu juízo, leva ao socialismo pelo voto em duzentos anos, prefiro, clara e abertamente, a linha política do governo Lula, do PT e dos partidos de esquerda. Por isso, voto na Dilma sem hesitação.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br